

Director do bloco operatório Hospital "São José" de Bor ao Nô Pintcha

Entrevista

Escrito por Agostinho Pereira Gomes

"A única forma de homenagear os que me apoiaram na minha formação académica é voltar ao país"

- defende **Dionísio Cumbá**

O director do Bloco Operatório do Hospital "São José" de Bôr anunciou numa entrevista exclusiva ao Jornal "No Pintcha", momentos antes de deixar definitivamente a Itália, que o estabelecimento que irá dirigir vai estabelecer um acordo de cooperação com Hospitais Universitários de Pádova, para a formação local dos técnicos, com possibilidades de fazer estágios em Itália.

Dionísio Cumbá afirmou que apenas o egoísmo podia impedir o seu regresso a terra que o viu nascer, para dar a sua contribuição ao processo da Reconstrução. Numa clara alusão aos financiadores do seu curso, disse que a única forma de lhes prestar homenagem é regressar para aplicar na prática e ao serviço dos mais necessitados os conhecimentos científicos adquiridos.

Para este cirurgião pediatra, o novo Bloco Operatório sita em Bôr, irá dar uma outra imagem a saúde guineense com alternativas inexistentes no Hospital Nacional "Simão Mendes". Dionísio Cumbá que também dirige um projecto cujas actividades vêm sendo desenvolvidas há mais de um ano na Guiné-Bissau, concretamente na povoação de Jogudul, é de opinião que as autoridades guineenses irão reconhecer e valorizar tudo quanto será feito naquele magnífico Bloco Operatório.



Jornal "Nô Pintcha" (JNP): Depois de anos de sacrifícios que culminaram com a "vitória", decidiu voltar definitivamente a Guiné-Bissau para trabalhar. Foi fácil tomar esta decisão?

Dionísio Cumbá (DC) : Como disse e bem, depois de anos de luta e de sacrifícios, cheguei vitoriosamente a meta. cheguei a meta, graças aos apoios de amigos que encontrei pelo caminho. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Reverendo Padre Ermanno Battisti, figura que para mim é o promotor de todo este projecto. Os meus agradecimentos são extensivos ao meu tio Cursino Indafá, que me ofereceu a hospitalidade momentos após a minha chegada à Itália. Chegar a este ponto não foi fácil, mas graças a apoios atrás mencionados, consegui chegar.

Portanto, depois de várias visitas efectuadas ao país no período em que fazia a especialização depois de ter constatado ao vivo as dificuldades com que se deparam os técnicos da saúde, facto que considero de "negação total de cuidados sanitários" na Guiné-Bissau, questionei-me: o que é possível fazer para honrar o sacrifício dos que me ajudaram na minha formação académica?! Foi daí que apareceu a ideia de voltar para dar a minha contribuição ao meu povo e ao país que me viu nascer. Talvez o egoísmo podia ser a única coisa capaz de me impedir de voltar para a Guiné. Mas como em mim não existe o egoísmo, aqui estou a disposição dos guineenses para o resto da minha vida.

- **Conta-me um pouco da sua história de estudante, quais foram as dificuldades que enfrentou para se tornar hoje um cirurgião pediátrico?**

DC Cheguei a Itália em 1991, graças ao Padre Ermanno Battisti com o objectivo de estudar medicina. O projecto de medicina tornou-se difícil depois, éramos três e não havia meios de financiar os nossos estudos, porque a medicina dura seis anos. Portanto, um dos primeiros impactos negativos que tive foi a minha desistência da medicina esse ano. Pensei mesmo voltar para Guiné com a esperança de conseguir uma outra oportunidade de ir estudar na Rússia, por exemplo, ou em qualquer outra parte onde pudesse fazer medicina. Mas, os conselhos do meu tio e de amigos fizeram-me permanecer em Itália. Como alternativa estudei Enfermagem, curso mais próximo da medicina e obtive um diploma na Faculdade de Ciência Enfermagem de Verona, em 1994.

Durante esse tempo fiz amizades com italianos. Impressionados com o resultado dos meus trabalhos decidiram financiar-me os estudos de medicina. Esta proposta foi avençada por um dos meus professores e director dos serviços de Otorrinolaringologia, professor Moscer. Surgiu depois uma situação muito penosa... Naquele ano, para ingressar na Universidade exigia-se o 12º ano que não existia em 1989 na Guiné-Bissau, ano que concluí os liceus. Os meus documentos foram enviados para a Guiné Conacry, o nosso Consulado deu ok para entrar, fiz o teste de admissão e fiquei apurado. Para a entrada na universidade os documentos foram enviados para a Roma e lá ficaram bloqueadas. Portanto, ter o título que tenho agora era impossível em Itália. Os italianos propuseram-me estudar de novo, do segundo ao quinto ano dos liceus para ter o título do 12º. Tive de abandonar a Itália para estudar o 12º ano em Portugal. Depois de ter concluído, fui impedido de voltar para a Itália porque, segundo os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras da Itália, tinha de pedir um novo visto de entrada. Permaneci durante 3 meses em Portugal à espera do visto. Reentrei em Itália um dia antes dos exames de admissão universitária. Fiz exame de novo e fiquei na 14ª posição. Muito satisfeito, no regresso para a casa informaram-me que o número de estrangeiros para o curso de medicina tinha sido reduzido de 15 para 10. Outra grande desilusão... Como tinha a determinação de estudar em Universidade, inscrevi-me no primeiro ano de Química Farmacêutica em

Pádua. Todo este trajecto fez-me perder a bolsa do professor Moscer.

Fiz o primeiro ano de Química Farmacêutica e como não tinha meios para continuar os estudos parei...

- **Não tinha meios... O Padre Battisti já não lhe dava bolsa?**

DC A bolsa do Padre Battisti terminou após ter concluído a Enfermagem. Decisão que acho justa, porque ele já tinha feito a sua parte. Mas como pretendia fazer a medicina tive de desenrascar-me. Com o meu diploma de enfermeiro e o visto de estudos era impossível trabalhar em Itália. Depois de muita procura deram-me trabalho "em negro" no Hospital de Pádua. Trabalhava como pessoal de limpeza e dava de comer aos doentes, porque a direcção hospitalar temia dar-me trabalho legalmente devido a natureza do meu visto. Só depois de terem descoberto que de facto sou enfermeiro é que começaram a dar-me a oportunidade de trabalhar como tal, mas sempre às escondidas.

Portanto, era difícil juntar trabalho com estudos, e o meu objectivo era sempre o mesmo, fazer a medicina. À dada altura conheci um senhor italiano de nome Rino Stocco, uma pessoa que considero como segundo pai. Este senhor depois de ter conhecido o trajecto que fiz, decidiu mobilizar os amigos e colegas seus para me apoiarem. Um ano depois, em 1997, fiz de novo o texto de admissão em Pádua e comecei a estudar regularmente a medicina. Concluí em 2004, fiquei um ano a espera da possibilidade de fazer a especialização. De novo o Padre Battisti, através do PIME, conseguiu uma bolsa para a especialização em cirurgia pediátrica.

Portanto, pensando neste trajecto, em ajudas que as pessoas me deram, a única forma de lhes agradecer é de levar às minhas mãos e entregar a Guiné para ajudar a melhorar a saúde do meu povo.

- **Doutor Dionísio trabalhou como médico nos hospitais italianos, estabelecimentos com estruturas e tecnologias altamente avançadas, e brevemente enfrentará uma realidade diferente. Tem alguma garantia, ou seja, algum suporte no que diz respeito a continuidade do caminho já trilhado?**

DC Suporte, sim. Graças ao hospital construído pelo Padre Ermanno Battisti com o financiamento de algumas organizações italianas, podemos dizer que existe já base para trabalho. Aliás, bases de trabalho, também existem no Hospital Nacional Simão Mendes. Mas..., a minha visão..., regressar para trabalhar naquele hospital significa que me preparei psicologicamente muitos anos de forma a enfrentar grandes dificuldades, sobretudo de relacionamento inter-técnicos. Digo isto, porque seguramente surgirão oposições a minha visão no que respeita a organização do trabalho de forma a dar respostas mais eficazes. Isto poderia impossibilitar o meu regresso. Ganhei esta oportunidade de voltar ao país para dirigir um hospital que iniciará digamos com as minhas "configurações", com o meu "modus operandi".

- **A que hospital se está a referir?**

DC Estou a referir-me ao Bloco Operatório do Hospital "São José" de Bôr, construído recentemente pelo Padre Ermanno Battisti. Voltar para trabalhar num hospital que nasce com o nosso ideal, nós, jovens formados em Itália pelo Padre Battisti significa honra. Sendo assim, vamos tentar, com os meios a nossa disposição, dar uma outra imagem da saúde guineenses com alternativas inexistentes no Hospital Nacional Simão Mendes, local onde diariamente muitos médicos labutam em prol de uma saúde digna para a Guiné-Bissau, não obstante as precárias condições de trabalhos aí existentes.

- **O que espera das autoridades guineenses?**

DC Das autoridades do país espero apenas o reconhecimento e a valorização de tudo quanto fizermos, porque somos técnicos capazes e aptos para trabalhar em qualquer estabelecimento hospitalar do mundo. Além disso, não obstante o Hospital de Bôr ter sido construído pela Igreja Católica e os técnicos que aí trabalham formados pelos padres católicos, as nossas portas estão e estarão abertas para qualquer paciente, independentemente da sua origem ou da sua religião.

- **Voltou ao país para trabalhar graças ao Bloco Operatório do Hospital "São José". Quer com isso dizer que sem esta oportunidade seria impossível o seu regresso?**

DC Não! Voltaria certamente. Mas estaria ainda por mais alguns anos em Itália, preparando-me psicologicamente em como enfrentar as dificuldades que já se enraizaram no sector da Saúde Pública guineense, concretamente nos hospitais. Voltar para trabalhar no Hospital "Simão Mendes", pela experiência que tive com a minha passagem nessa unidade hospitalar, a forma como os técnicos definem os trabalhos... não me agrada muito ver doentes a comprarem tudo para serem tratados. Em termos de higiene não é ideal. Uma vez, sugeri a um colega cirurgião a abertura de um armazém naquele Hospital para a conservação de medicamentos indispensáveis para a intervenção cirúrgica, para que quando aparecessem casos para esse fim os doentes pagassem directamente ao hospital, ao invés de irem comprar medicamentos fora e em condições que todos nós sabemos. Não houve resposta alguma. Isso deu-me a impressão que não é fácil trabalhar no "Simão Mendes". Um cirurgião antes de pensar em salvar um paciente deve pensar primeiro na sua própria saúde. Portanto, ver o bloco cirúrgico do Hospital Nacional "Simão Mendes" como o vi há dois anos, hép-ha! Antes de lá entrar um médico, deve pensar duas vezes.

- **Em que condições se encontrava a sala de operações do Hospital Nacional "Simão Mendes"?**

DC As condições eram um pouco desastrosas, do ponto de vista higiénico não era ideal. O pavimento estava completamente sujo; os serviços de higiene praticamente inexistentes. Os cirurgiões antes de entrarem para a sala lavam às mãos com águas transportadas em latas. Por vezes faltava a electricidade... Uma vez, nas viagens que fazia ao país, na véspera do meu regresso para a Itália chamaram-me a "Simão Mendes" para socorrer uma criança de dois meses que tinha problemas de oclusão intestinal. Naquela altura, não estava nenhum cirurgião no hospital, nenhum anestesista e também não havia electricidade. Obviamente era impossível operar a criança. Dia após o meu regresso para a Itália a criança morreu. Morreu de uma simples patologia. Portanto, vendo essas condições chega-se a conclusão que os médicos guineenses têm ainda grandes dificuldades no exercício da sua profissão.

- **Estas foram, entre outras, motivações que estiveram na origem do seu regresso?**

DC Exacto. Foi uma das coisas que motivaram o meu regresso ao país, porque se não fosse a minha viagem de regresso para a Itália, talvez àquela criança poderia sobreviver. Faria a intervenção nem que fosse com a luz do sol.

- **Porque não podia adiar a sua viagem para salvar vida da criança?**

DC Podia adiar a minha viagem para salvar-lhe a vida se houvesse condições no hospital "Simão Mendes". Fiz tudo o que podia, mas não havia garantias que no dia seguinte seria possível operar a criança, infelizmente ela acabou por morrer.

- **Durante os teus estudos, sempre visitou a Guiné-Bissau, onde na companhia de alguns médicos italianos e nacionais participou em algumas intervenções cirúrgicas, salvando muitas vidas. Recordas-te por quantas vezes visitou o país?**

DC Em quase 20 anos que estive em Itália, se a memória não me falha, visitei nove vezes a Guiné, com a maior frequência nos últimos dez anos. Após a minha licenciatura em 2004 e o início da minha especialização em cirurgia, sempre visitei o país.

- **Viajava por iniciativa de quem?**

DC Há alguns anos visitei a Guiné por iniciativa pessoal, mas nos últimos quatro anos, as minhas viagens foram no âmbito de um projecto intitulado "Toka-toka África", uma associação que criei com amigos italianos e que já opera há dois anos na Guiné-Bissau. A Associação tem como finalidade lançar um projecto educativo no país, visto que muitas crianças continuam ainda sem o acesso a escola, sobretudo nas zonas rurais. As escolas nas quais tivemos a oportunidade de estudar, hoje encontram-se num estado de total abandono e sem professores. Nas tabancas as crianças limitam-se a cuidar do gado e a recolha de frutos silvestres. Não têm nenhuma formação capaz de lhes garantir um futuro digno. Foram estes os motivos que me obrigaram a fundar a Associação "Toka-toka África" em 2007. Os amigos italianos que abraçaram este projecto já visitaram por três vezes o país. Actualmente, estamos a dar uma valiosa contribuição à Escola Primária de Jogudul, estabelecimento com capacidade para 600 alunos. Em 2009, enviamos um contentor de materiais didácticos, nomeadamente carteiras, cadernos, mochilas, canetas, lápis, etc... Este ano, fizemos a mesma coisa. Os próximos passos que pensamos dar são levar água potável àquele Estabelecimento de Ensino. Igualmente pensamos criar um Ambulatório médico onde darei a minha disponibilidade pelo menos, uma vez por semana para consultas aos alunos que frequentam essa Escola. Já colocámos um gerador de electricidade que possibilita o funcionamento das aulas à noite, isto para incentivar o regresso dos mais velhos às carteiras, e de todos quantos querem em aprender.

- **Doutor Dionísio Cumbá viveu por quase 20 anos em Itália, visitou mais de nove vezes a Guiné-Bissau quando estudava. Porque só agora a materializarão deste ambicioso projecto?**

DC Não! Não é que não houvesse a ideia... Eu, sempre... Quando cheguei a Itália em 1991, havia uma Associação dos guineenses criada pelos que lá chegaram primeiro. Fiz parte da direcção daquela Associação por muitos anos. Havia sempre grande dificuldade... Muita dificuldade em convencer as pessoas no sentido de fazer algo em comum para o país. Lembro-me que nós, guineenses, tivemos a sorte de ter privilégios que nunca tiveram os emigrantes de outras partes do mundo. Sobretudo em Verona, cidade por onde passou a maior número de guineenses estudantes...

- **Privilégios em que sentido?**

DC Privilégios, porque éramos todos estudantes. Conhecíamos bem a língua italiana, facto que nos facilitou muito na integração. Além disso, o nosso primeiro Bispo Arturo Ferrazzetta é filho de Verona, os primeiros voluntários italianos que vinham trabalhar na Guiné-Bissau eram de Verona. Tínhamos muitos amigos italianos com possibilidades económicas e vontade de nos ajudar. Portanto, formar uma Associação onde pudéssemos mostrar a essas pessoas o interesse em fazer algo para o país, penso que naquela altura, podíamos ter feito muita coisa na Guiné-Bissau.

Depois de anos a tentar convencer os guineenses para unirmos as forças mas sem sucesso, achei por bem criar "Toka-toka" como alternativa, para tentar dar uma resposta a algumas dificuldades no país. Neste momento, o projecto de Jogudul está no bom caminho. Pensamos no futuro atingir todo o país, sobretudo as zonas onde existem escolas paralisadas. Mas isso dependerá da sorte em conseguir financiamentos.

- **Porque iniciou o projecto "Toka toka" em Jogudul e não noutra zona do país, por exemplo em Suzana?**

DC Iniciamos em Jogudul, porque Jogudul é a minha terra natal. Foi nessa escola que estudei e deixei fortes recordações. Tornaria difícil arrancar o nosso projecto em lugares cujas realidades desconhecia. Conheço muito bem a mentalidade da minha gente. Antes do lançamento do projecto fui ao encontro deles, explicando-lhes a minha intenção, mostrando-lhes o projecto e prontamente o abraçaram. As imagens por si falam. Temos muitas fotografias publicadas no nosso site que testemunham este facto. Portanto, o abraçar do projecto por parte da população de Jogudul, deu-me forças para levar o projecto as demais tabancas e regiões da Guiné-Bissau.

- **Tivemos o privilégio de assistir a cerimónia do lançamento oficial da Associação Toka-toka em Dolo. Na ocasião, o Presidente da Câmara Municipal daquela cidade prometeu apoios financeiros ao projecto. Este está a ser cumprida?**

DC Como sabe, a crise económica mundial que também se sente na Itália, atrasou todo o processo. Mas, a Câmara Municipal de Dolo já nos deu alguns apoios importantes, nomeadamente financeiros para a realização da festa do lançamento da nossa Associação. Recebemos um donativo de carteiras de uma escola primária de Dolo que neste momento se encontram na escola de Jogudul. Os custos de transportes dessas carteiras foram suportados pela Câmara de Dolo. Actualmente, estamos à espera do balanço da Câmara para ver quando e em que momento essa promessa poderá ser concretizada. Isto porque existem outras associações com base mais sólida que a nossa, e já operavam em sintonia com a Câmara de Dolo muito antes da nossa existência. Mas estou convicto que será cumprida a promessa porque temos boas relações com essa edilidade.

- **Na hora de despedida, que mensagem deixa aos colegas médicos italianos e aos conterrâneos estudantes?**

DC Durante os cinco anos que trabalhei nos hospitais de Pádova, criei uma forte ligação com os colegas médicos, sobretudo no que respeita a sinceridade no trabalho, demonstrando-lhes que também sou capaz. Sempre os demonstrei os meus objectivos e projectos. Recebi muita ovação da parte deles e sempre me têm manifestado a disponibilidade de vir a Guiné a qualquer momento. O director do Hospital onde estudei esteve recentemente em Bissau para fazer levantamentos das nossas necessidades futuras, porque vamos criar uma relação com a Universidade de Pádova, que nos dará apoios técnicos e de formação local, com possibilidades de fazer estágios em Itália. O Governo na pessoa do ministro já manifestou a vontade de avaliar essa relação, e espero que as coisas caminhem para um bom fim. Aos conterrâneos estudantes, penso que cada um de nós tem a sua sensibilidade e o seu percurso. Acho que cada guineense tem a ideia de um dia, cedo ou tarde, voltar a terra que nos viu nascer. Agora voltar hoje, amanhã, depois, ou ficar aqui é menos importante. O fundamental é recordar a nossa Guiné e contribuir na medida do possível para inverter o sentido das coisas.

Texto: Agostinho Pereira Gomes

Fotos: Julio Abna